



A IDADE DO CO(M)DOR

No Brasil, chegar à chamada terceira idade vem se tornando mais comum. Chegar com saúde já é outra coisa (que o digam as filas do SUS). Agora, chegar com disposição, saúde e bom humor, aí é pra aplaudir. É o caso de Ildo Simões, escritor e humorista, que por acaso também é médico.

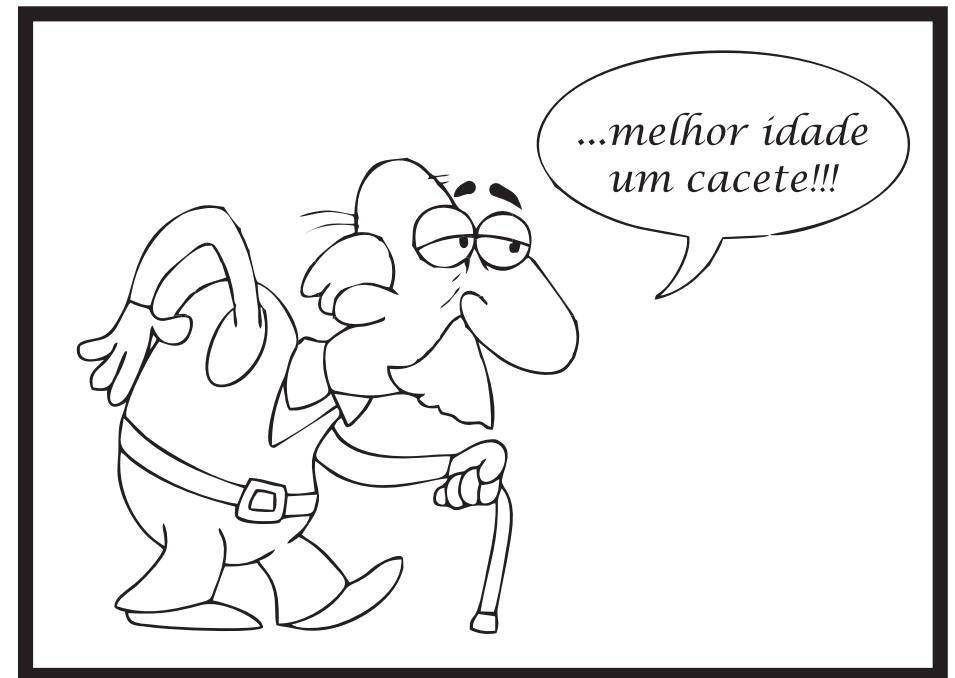
Entusiasta das letras, amante da literatura, estimulador dos médicos escritores, nessa publicação Ildo nos presenteia com sua veia do humor. E faz graça exatamente com o que muitos consideram um terreno proibido: a terceira idade ou, como dizem (as más línguas), a melhor idade.

Ney Sá
jornalista
Ascom - Sindimed

sindimed
edições

ILDO SIMÕES

A IDADE DO CO(M)DOR



**Historinhas mentirosas com gosto de verdade
ou vice-versa**

sindimed
edições

Não podemos mudar o curso natural da vida. De forma inexorável, o tempo passa e a velhice nos alcança. O que pode ser diferente é a maneira como encará-la. Ildo, com seu humor afiado, tira partido de todos os percalços por que passa o idoso no seu cotidiano para nos fazer rir.

O resultado é este livro carregado de bom humor, capaz de fazer novos ou idosos se engasgarem de tanto rir. Portanto, amigos, façam fila com ou sem muletas, porque a vida é curta e a risada aqui é garantida. E não se engasguem porque velho no médico... no ônibus, no motel, na fila do SUS, está aí com todas letras.

Norma Curvelo
Integrante da SOBRAMES
Médica ginecologista, a caminho da terceira idade e escritora enquanto a artrose não chega

Edições Sindimed

Essa publicação tem o apoio do Sindimed. O Sindicato valoriza o território para além das artes médicas, apoia iniciativas que dão expressão à literatura, música, teatro, poesia, cordel e tantas outras.

No horizonte do Sindimed está o apoio à multiplicação de iniciativas como esta, que possam levar ao público talentos que se escondem sob o jaleco. Se você tem um projeto de arte, o Sindicato pode ser seu parceiro. Venha e nos apresente, o próximo livro com o selo do Sindimed pode ser o seu.



— É, doutor, mas eu tô sentindo...

— Calma, outro dia. Hoje é só troca de óculos. Olha pra este quadro e me diz: esta, ou esta, esta ou esta, esta ou esta...

— Pera doutor que tou tonta.

— Mediu sua pressão? Melhor ir antes ao cardiologista. Sala 15.

— Olhos vendo um elefante no direito e uma cascavel no esquerdo, abre-se uma porta e onde já se acomodavam pelo menos dez pessoas, eu entro.

— Pra onde minha senhora?

— Quinze minha filha.

A porta se abre no 15º andar e pelo festival de choros e algazarras, estou na pediatria. Guardando ainda na cabeça a frase nervosa do doutor, esta ou esta, esta ou esta, esta ou esta, esta, minha tontura aumentando e sem enxergar mais nada, futuco a bolsa, pego o celular e peço a uma adolescente que ligue pra minha filha.

No táxi, de volta pra casa, vou remoendo alguns impropérios:

— Ah, deus, você ainda há de ficar velho, míope, brochante, pelancudo, com incontinência urinária, artrose, hemorroidas, e..e..e. Esqueci.

ILDO SIMÕES

A IDADE DO CO(M)DOR

Idoso no oculista, ou um dia deus me paga

—Mãeê? Hoje tem oculista!!

—Já tou saindo. Vou sozinha mesmo porque economizo uma passagem.

Chego à sala onde se acomodam cerca de cinquenta pessoas, porque no andar atendem 10 especialistas. A chamada é feita por uma locutora e claro, a voz sai muito fanhosa e a gente escuta mal.

Consultório de oculista é um pouco a antecâmara do terror. A cada quinze minutos uma atendente descarrega um esguicho de colírio no olho da gente, dizendo que não dói e, com vergonha, a gente não blafema e manda ela entrar o frascozinho no orifício terminal do aparelho digestivo. O colírio é um veneno que distorce as imagens de uma televisão que só projeta chuva e dá um soninho enganador.

Ainda não entendi porque toda televisão de oculista só passa chuva e propaga. Geralmente de mulher nua ou garotões sarados, o que dá no mesmo porque a gente enxerga tudo borrado. Até receita de bolo fica difícil passar ou receber porque na metade a gente ou a vizinha já tá dormindo. Nunca sabe se ela não quer conversa ou achou a receita ultrapassada. Uma mulher cochicha com o marido e olha pra gente, o que dá vontade de mostrar a língua; uma avó tenta aconselhar o neto a tomar sopa de verdura que é bom pros nevus; enquanto o garoto tilita no celular e a conversa nem chega a entrar por um ouvido e sair pelo outro, porque o pestinha está com fones de ouvidos. Mas ela insiste.

No segundo cochilo sou acordada por uma chamada do número seete. Númeroeete Entro na sala e antes de me dar bom dia a atendente já grita:

— Bebeu água?

— Bebi minha filha.

— Tira a roupa e deita ali.

— Precisa tirar a roupa pra examinar o olho?

— Que olho minha senhora, aqui é sala de ultrassom. Deixa ver sua ficha. Bem vi; é número DEZESSETE.

Encontro a sala e o oculista. Neste intervalo, já chamou três pacientes, no que preciso negociar com sua atendente pra ser a próxima. — Entra, senta na cadeira e olhe aquele quadro. Vai trocar óculos né?

A Idade do Col(m)dor - Ildo Simões

Revisão: Ney Sã

Diagramação: Brenda Helen

Publicação fechada em 5 de novembro de 2015.

Edições Sindimed - Salvador, Bahia.

R. Macapá, 241 - Ondina, Salvador - BA,

CEP: 40170-150

Tel.: (71) 3555-2555

www.sindimed-ba.org.br



Prefácio

- Tá bom. Que remédio tá tomando?
- Salsa caroba, Elixir de Inhame Goulart, Vinho Reconstituente Silva Araújo... e... e... e... Blotônico.
- ??
- Tá bom , dona Ernestina, volte daqui a três meses. Traga estes exames: XLPC, MMAE, NNHU, LSA, BBM, VCD, BGU, VBNHTU, e tome esta receita.
- É de bolo Doutor?
- É minha senhora, eu também sou doceiro.
- Jesus , que home estressado. Não volto mais aqui. Nem contei a história de meu neto... filho de minha filha que fugiu com um guarda noturno.
- Ser velho é o fim da picada!! Vixe Maria falei um palavrão.

Se eu não conhecesse Ildo Simões de antanho, não aceitaria a nobre missão de prefaciar esta coleção de prosas e poemas que ele, mantendo a contumaz irreverência, apelida de “A idade do Co(m)dor”. Não se engane o prezado leitor com o aparente estado depressivo que traz o autor, ao relatar as “aventuras” do idoso que ele personifica, nem com a pretensa irreligiosidade que faz questão de demonstrar.

Poucos têm a sorte e as oportunidades como ele, em idade de ouro, de poder aproveitar de um bom papo com os amigos, degustando um vinho escolhido de boa vinha, de desfrutar de uma viagem em grupo ou avec, en petit comitê, de exibir seus dotes vocais num grupo coral, de brandir com maestria as cordas de um pinho, acompanhando aquela canção nostálgica ou o último sucesso da balada, de administrar com brandura uma sociedade médica literária e motivar pessoas a desencavar do peito suas melhores emoções.

Ainda não me referi às suas realizações no campo profissional como fiscal do CRM, desbravando a soterópole e os desvãos do interior, aliando suas atividades formais ao contínuo garimpo de talentos entre os pares.

Agora, a sua religiosidade: carola de fazer dó, não perde missa, ora até antes do banho, não nega esmolas, contribui com doações a várias instituições de caridade e vez por outra em seus textos está se referindo ao Altíssimo. Se utiliza minúscula no nome do Senhor, é pura provocação e estilo: cordeiro em pele de lobo. Portanto, mais uma vez, não se deixe iludir. Não surfe nessa onda, que é merreca!

O livro, que ele insiste em chamar de livreto, apresenta 20 textos, entre crônicas debochadas, um poema irreverente e um hilário classificado para a melhor idade, desfilando em cada capítulo uma ambiência urbana, comumente ligada à divina atividade de Esculápio, apesar da linguagem, por vezes caipira ou propositalmente incorreta. Aí está, em suma, a expressão da verdadeira arte literária que o autor domina há anos (por sinal, muitos) e que ora nos presenteia com este fascículo.

Boa leitura!

Dagoberto Sant'Anna
Escritor- Ex-presidente da SOBRAMES-BA - Médico

Apresentação/protesto/ ou coisa que o valha, pra ser lido sem óculos

Acho que a pior sacanagem que deus fez com seus filhos, foi deixá-los envelhecer. Ao longo deste protesto considerem as perdas dos dois sexos porque é um jeito de poupar a tendinite dos meus dedos não tendo que, a toda hora, escrever masculino e feminino. Vão pelo sentido que já me ajuda. Acho que deus tem 25 anos, corpinho modelado, não precisa se encher de botox nem de silicone, mantém o têsão, permitindo-se quantas transadas estiver com vontade. E não me venham com esta história de livre arbítrio porque eu vou querer o livre arbítrio pra tudo. Livre arbítrio com louvor. Até pra ser Deus. Quero sentar e levantar rapidamente, ter meus cabelos sempre da mesma cor; poder dar a segunda, a terceira... não ter dentê cariado nem mau hálito, não ser obrigado a comer quibabo; se nascer mulher, engravidar quando quiser sem precisar ser regulado por pílula nem camisinha. Tô com têsão, olha pro cara: ei você aí, entra aqui no caranço e seja o que deus quiser. Mas não. Tem que casar pedir licença ao padre, pastor ou rabino pra fazer o que os gatos fazem no telhado à luz de miríades de estrelas. Há intercurso mais romântico? Agora, me digam: tem coisa mais brochante que botar uma camisinha, esperar que a mulher retire com espátula os cremes, o esmalte das unhas com acetona, dê um bocejo de hipopótamo e depois diga: Vai querer? Tou pronta. As vezes só tem uma camisinha e a parceira vai ajudar e fura com a unha pontiaguda. A arma do crime a esta altura já se recolheu e tá mais enrugada que a cara do Cauby. Menstruação? Só serve pra enricar fabricante de absorvente. Filho? Deveria nascer só um pouquinho maior do que um ovo de galinha. E por solidariedade, um ovo de galinha deveria ser do tamanho de um ovo de beija-flor. Beija-flor botaria um óvulo, porque o coitadinho não merece pagar tão caro por uma transadinha de dois segundos. Acho que foi até Deus quem grafou a frase: "PIMENTA É REFRESCO NOS OUTROS" e, no seu sacro sadismo, permite que envelheçamos, com nossas artroses, cardiopatias, gordurinhas sobressalentes, celulites, miopias, parindo literalmente uma jaca, os peitos cobrindo o umbigo, coregas pra segurar dentaduras que nos deixam sempre com um riso idiota, estrias e magistrais brochadas. Brochada é como vestibular: o segundo é mais fácil de perder que o primeiro. Estão aí minhas reinvidicações. Se for preciso, rezo quinhentos padres-nossos, ajoelho em carço de milho e até como quibabo, mas quero ter livre arbítrio para absolutamente tudo. Livre arbítrio só pra Deus é discriminação abominável.

Ilido Simões – produtor, sofredor revoltado, editor e autor.

Consulta ao Geriatra

Sentindo um aperto na cabeça um comichão no corpo e uma coceira nos países baixos, entendi de fazer uma consulta ao geriatra.

Antes da decisão fui me certificar primeiro de que tratava o geriatra. Tava lá com todas as letras que geriatra trata de idosos. Na sala de espera havia de um tudo: cestas de costuras, venda de próteses, coregas, fraldas, ofertas de cuidadores. Era, na verdade, um mercado geriátrico. Mas fazer o que? Não podia esperar um desfile de

modas. O primeiro choque ao entrar no consultório foi encontrar um médico com tatuagem, cabelos longos e um brinco na orelha. Perguntei pelo doutor e ele se apresentou. Não gostei de saída quando perguntou minha idade. Tentando mentir disse que era 55 um número que não compromete, mas cai da escada no teste de memória:

— Ih doutor, gosto de polca, rancheira, maxixe, valsa, por sinal já dancei nos meus 15 anos com o Major Cosme de Farias... aí meu Deus, dei um passo em falso e o Dotorzinho deu uma risada descobrindo minha potoca da idade. — Vamos pra mesa de exame, disse o discípulo de Esculápio, pera, é Esculápio.

Meia hora depois sua atendente já tinha me tirado a peruca, a prótese dentária, o aparelho do ouvido e os óculos. Entrando na sala o doutor tomou um susto e começou a gritar com sua atendente que ela tinha trocado a paciente. Calma, Doutor a moça tá certa. Aqui está o que sobrou de mim. Pode inzaminar.

— A senhora tem uma protuberância na região abdominal. — Traduz doutori — É uma elevação aqui na barriga.

— Calma que isto é meu peito. Pode jogar pro lado. Eu vou pedir pro senhor parar porque daí pra baixo só meu finado marido conhecia e fiz os parto com parteira. Meu marido morreu há vinte anos e desde então tou de balão fechado.

O desinfeliz do doutor dava uma risadinha pelo canto da boca que nem parece que tinha estudado tanto quando falei das parte traca. Perguntou se era os olhos. Tive que fazer um arrodéio pra ele entender.

Desencanto, ou os juro do envelhecer

Aqui estou, ovelha desgarrada.
Perdi o meu rebanho e fui pra estrada
Não me apercebo do que valho e se presto
Só sei que sou um resto
E como resto, vou levando
O que me sobra: um sonho irrealizado
Um projeto nunca feito (nem desfeito)
Pois nem sequer foi projetado
Tenho cá a minha mágoa
Os olhos injetados cheios d'água
O dente cariado e onde estariam os outros
O espaço desdentado.
Me dói a dor da escoliose,
Da lordose, da cifose
E outras oses que fui colecionando
Vida a fora ou morte aos poucos
Junto na desdita com outros loucos
Que sobraram da estatística
Das tramas da política do eu primeiro
Eis- me aqui jogado ao muro
Deste lixo humano, do monturo
Deste bloco desclassificado,
Esfomeado , estropiado.
Eis- me aqui envelhecido
Sem necessariamente ter vivido
Eu sou enfim
Um idoso aposentado

ÍNDICE

Ah, Casemiro, se eu te pego	07
Fila de idoso	08
Idosa no ônibus	10
Diário do idoso	12
Aniversário de idoso	14
Testamento de idoso	15
Idosa no Ginecologista	16
Idoso na internet	18
Família de idoso	20
Idosa na fila do SUS	22
Casamento de idoso	24
Aposentadoria, ou humilhação passo a passo até o pé na cova	25
Reclames da Terceira idade	27
O casal de idoso no motel	28
A idade da desonra ou a desventura de uma balzaquiana	30
Baile da terceira idade	32
Enterro de idoso pobre	34
Desencanto, ou os juro do envelhecer	36
Consulta ao Geriatra	37
Idoso no oculista, ou um dia deus me paga	39

Até ali nenhum choro, saudade, ou lamento da grande perda, foi quando chegou o último filho, vigilante em Son Palo, letrado, formado em Introdução à Informática, curso mais comprado que frequentado, e de linguajar moderno:

— Seguinte, galera: futuquei no zap-zap e descobri no Feicebunque e no meu blogue que o falecido era uma pessoa muito querida, caridosa e deixou uma poupança conseguida com um amigo vereador que dá, com juro, correção monetária e Selic pra mais de doze conto.

O caixão foi reaberto e começou a choradeira. Meu genro levantava a garrafa de pinga e bradava: viva o saudoso morto!!! Minha filha aproveitou e arrancou a alça do *soutien* aos berros e desmaiou de pernas pro ar deixando a mostra uma tonelada de celulite.

Agora que fazia crochê acertou, com o susto, a agulha na poupança da vizinha que andava de olho em seu marido que reagiu com um catirípapo, derrubou um castiçal e de quebra o caixão do morto. O velório era só grito e desmaio. O padre que já tinha pegado os 100 reais cotizados para a missa, sumiu do pedaço mal acabara de dizer Deus seja louvado.

O ambiente virou uma zona, cada um procurou sair mais cedo pra ir ao banco bisbilhotar a herança e sobram quatro gatos pingados pra levar o morto.

Durante o trajeto até a cova fiquei pensando no gerente do banco cotado, pra explicar que num tinha herança nenhuma.

Como demoraram pra abrir a cova, que era no chão, o mágico que tinha me hipnotizado me acordou e conseguiu que os quatro carregadores ficassem ali desmaiadinhos da silva no que aproveitei e dei no pé.

— Realmente enterro de velho pobre só perde pra briga em casa de tolerância

Enterro de idoso pobre

Cansado de viver em plena saúde física e mental resolvi morrer.

Viúvo, aposentado com salário mínimo passei por vários perrengues pra criar os sete filhos. No último filho a mulher morreu de parto e dei duro pra segurar a barra

Mas pão comido não é lembrado, como diz o dito popular, passei a viver na casa dos filhos que me despachavam sempre com uma desculpa de que a vida tava dura, embora todos tivessem uma vida folgada.

Era sempre a mesma história:

— Pai! Vai passar um tempo na casa de Adolfo que a coisa aqui anda preta.

Pura mentira, porque acabara de comprar uma moto pro filho e mandado a filha estudar em São Paulo.

Sempre me falavam da figuração do enterro de pobre e resolvi passar isto a limpo: morri. Sentinela barata com cachos de rosa menina e cravo de defunto, um caixão comprado com metade meu salário e fechava com uma missa, embora não soubessem nem o padre-nosso.

Para a encenação levaram-me para a capela do cemitério e encomendaram uma meia missa, porque o padre desavergonhado não tirava o olho de minha nora de minissaia e vez em quando trocava o agnus dei por ai meu deus, a cada cruzada de perna.

Ali mesmo em conversa levada a cafezinho e pinga começaram a brigar pela herança:

— A aposentadoria fica pro meu filho que meu marido tá desempregado dizia uma das filhas.

— Negativo, replicava a outra. O salário é meu porque já tenho neto não tenho marido e escola tá cara.

Um convidado levantou uma importante interrogação. E o terreno que ele invadiu na Suçuarana? Fui eu que arranjei.

— Terreno??? Todos se perguntaram ao mesmo tempo.

— É mas, tem despesa. Disse o autor da noticia: IPTU, despesa do corretor...agrados ao fiscal da prefeitura...

Entreolharam-se e ninguém quis dar sequência ao assunto, porque as despesas deveriam ser mais que o valor do terreno.

Ah, Casemiro, se eu te pego

“Ah que saudades eu tenho

Da aurora da minha vida

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais”...

Passei boa parte de minha infância a decorar estes versinhos de Casemiro de Abreu e outros tantos sem nem saber o que isto significaria num futuro de minha vida. Fui crescendo e lá vem colégio, depois faculdade, filhos e por fim a velhice.

Na adolescência e juventude a gente passa um tempão sem nem se lembrar do que é infância pois fica doido pra se livrar dela. Infância lembra ter que comer geralmente o que a gente não gosta, fazer dever de escola, estudar, aguentar puxões de orelha, geralmente pagando um pato que nós, às vezes, nem comemos.

Um belo dia a gente desagua na velhice. Cabelos ralos e brancos que pintados ficam com aspecto de cavalo malhado depois de duas horas no salão. Juntas, que melhor dizer coladas, entrevadas, ossos com osteoporose, peitos despencados. Aí fica rezando pra ter um lugar, quando morrer, junto de deus como se não fosse ele o culpado por isto tudo.

Eu, se fosse ele, tirava a vida de todo mundo aí pelos 25 anos com as mulheres cheias de charme e os homens cheios de libido. Aí fazia uma rave celestial. Era uma farra de despencar o bucho do céu.

Tou aqui escrevendo e os dedos reclamando, os olhos reclamando e as hemorroidas também reclamando porque sabem que depois da terceira cólica lá vem a tempestade tsunâmica, porque na velhice a gente perde a compostura e nem sempre tem um cachorro por perto que possa assumir a nossa sem-cerimônia. Aí a gente começa as justificativas sem a menor certeza de que as pessoas vão acreditar:

— Acho que meu colesterol está alto!

O neto que, impaciente, pega uma brecha na conversa. Ataca:

— Ih vó, seu colesterol tá com cheiro de gambá.

— Foi não. Foi deus que destramelou as torneiras do meu puxadinho.

Fila de idoso

— Mãe/pai? Hoje é dia de pagar, IPTU, IR, INSS, aluguel, condomínio...

— Já pediu a seu marido?

— Ele é muito ocupado. Além do mais você tem fila especial.

A pior coisa que já inventaram pra idoso, fora a idade, claro, foi a fila

pra idoso. Geralmente a fila maior em qualquer repartição pública ou particular é sempre a fila do idoso e que tem apenas um caixa ou um

atendente.

Eu já sabia que mulher não vota em mulher, preto não vota em preto

e agora descubro que idoso não gosta de idoso. E com razão.

Normalmente ele chega à fila, já quilométrica para sua idade, com

trocentos documentos dos filhos, pra desespere dos demais, puxando um

neto bem deseducado que insiste em fazer xixi na lixeira, comendo pipoca e

jogando os caroços não estourados no chão e, depois que um escorregou da

se destabocou no piso, isto passou a ser a sua brincadeira, pra desespere da

avó.

Numa das saídas pra reclamar com o neto, perde o lugar na fila e

começa uma troca de improperios que felizmente a modernagem não

entende.

— O Senhor é um estafetismo!! Tomou o meu lugar.

— Não discuto com basbaque!! Retruca o invasor.

— Eu, hein, Eteivina!!

— O senhor está atacando minha honorabilidade e o meu pudor. Vou

denunciar o senhor ao inspetor de quarteirão.

— Melhor a senhora consertar seu califon que tá aparecendo um bico que

não é de papagaio.

— O senhor é um velhaco! Um safardana!

A confusão sempre desfaz a fila e aquele com menos artrose e mais pulmão

consegue se recolocar num lugar melhor.

Neste momento o idoso que está sendo atendido já pagou doze

documentos, contou pela enésima vez a festa de casamento da nora e o

assanhamento de padre Eustáquio com a vílva do Dr. Tibúrcio. A fila é só

resmungo, uma profusão de leques e vez por outra um flatus, que não tendo

mais um freio de contenção, dispara um som de trombone de vara

desafinado e um perfume de gardênia a invadir as fossas nasais dos

presentes e áreas próximas.

— Pra casa, naturalmente

— Pensei que tivesse outras intenções porque estou sentindo que o

cavaleheiro está *animado* e como estou vílva há cinco anos, quem sabe um

intercurso...

Mal sabia ela que minha *animãdo* era o resultado de uma prótese

que parecia sempre em estado de alerta. Felizmente a música acabou e a

primeira coisa que me veio a mente foi meu neto que me armou esta cilada.

— A proposta é tentadora mas estou no carro de meu neto e já passei da hora

de pegá-lo no cinema.

— Trocamos os nossos telefones e naturalmente dei meu número errado, e

marcamos ponto para a festa seguinte.

Meu neto há dois meses que não vê a cara da mesada e minha

ocupação no presente é descobrir quem inventou esta chamada melhor

idade pra presentear-lhe com uma caixa de chocolate de chumbinho

— Ah ia esquecendo. Na dança do rock levaram minha cigarrreira de prata.

Baile da terceira idade

De tanto ser instigado por meu neto a arranjar alguma coisa pra fazer, terminei por aceitar seu conselho e fui conhecer um baile da terceira idade.

No meu tempo a gente ia pra festa bem trajado: paletó, gravata, lenço no bolso do paletó, perfumado naturalmente. De acessórios uma cigarreira de prata e piteira. Todo este aparato era necessário para os bailes de antigamente e uma piteira era o charme para assediar as mulheres. Não contava com as modernagens de hoje em que as mulheres andam se enfeitando de nudismo e os homens deixando as madeixas crescerem.

Cheguei ao baile e, embora a música estivesse nas alturas, não conseguia ver a orquestra. O som vinha dos dedos de um adolescente que girava um disco sob um circuito de luzes piscantes. As *moças* caprichavam nos trajes e nos penteados multicoloridos e de relance pude observar que a média da idade era aí pelos sessenta.

No aguardo de que tocassem uma polca, uma mazurca ou um bolero mexicano, um casal mais alto que o custo de vida, com cachola cheia de Rum Bacardi, que era a bebida oficial, foi ao centro da esfumaçada pista e pediu rock. Pensando ser uma música lenta pra embalar a festa, convidei uma senhorita para uma contra-dança.

O garoto da música soltou uma mistura de ritmos alucinantes e os casais saíram a tentar fazer as estripulias da dança. Juntas enferrujadas, colunas empertigadas pelos bicos de papagaio, saíram mesmo foi no empurrão e no salve-se quem puder.

Terminada a música o coordenador pediu 10 minutos de intervalo para serem recolhidos pertences dos dançarinos: 10 perucas de diversas cores; 23 próteses dentárias, 20 peitos de plástico e varias bundas de isopor. Sobrou na pista um calçolão que a dona, por óbvio, não foi recolher.

Alguém de bom senso pediu um bolero na sequência e tirei para dançar a que me pareceu mais composta. Num papo meio contido, conseguimos contar um pouco de nossas vidas no que começou a aconchegar-se e sem mais arroudeios me perguntou pra onde eu ia depois da festa.

De repente, e não mais que de repente, como diria Vinicius, parece que estamos visitando um hospital de doença contagiosa: tá todo mundo de lenço no nariz.

Saído de casa ao amanhecer, casaco de lã barata, dois ônibus, caminhada de mais de um quilômetro até o caixa, deixa nas axilas uma fragrância de fazer inveja a queijo suíço: uma mistura de cecê com desodorante feito em fundo de quintal.

O retorno pra casa não é menos paulificante. Ainda lhe esperam as benditas restrições.

— Banana não pode; nem carne que aumenta o colesterol. Leite só desnatado, aquele que o gosto parece que fica no peito da vaca. Televisão? Na sua idade não é bom pra vista; além do mais, óculos tá caro.

Às nove horas lhe resta o sono e a cama no puxadinho que divide com a neta que lhe serve de despertador porque de hora em hora tem o corpo sacudido sob a alegação de que tá roncando.

Bem diz a minha amiga Nicinha, quatro casamentos, varias puladas de cerca, dois amantes, uma viagem a prestação pro exterior, leia-se Paraguai, hoje de facão amarrado, vivendo de salário mínimo.

— A vida do idoso é um cu de mula alinhavado à linha frouxa.

Idosa no ônibus

Há meia hora que estou aqui na droga deste ponto. Já cansei de levantar o braço e o décimo táxi não pára. Esta gordura não me serve pra nada. Só serve pra aumentar a dor das juntas, o número do callfon e a quantidade de apelidos que acumulo pela vida afora. Mas também, deus quando inventou a velhice e a gordura não se lembrou de que a gente podia passar por estes vexames. Certamente ele não é gordo, não tem junta nem peito grande e não carrega sacolas de compras em ônibus cheio.

Desistida dos taxis que amedrontei até agora, parto para o ônibus que já vem lotado. A população já se assusta antes de a gente entrar. O motorista só pára fora do ponto, acho que pra gente desistir, porque de longe ele vê que sou gorda, carregro sacola e não tem cadeira vazia.

Entro contra a vontade das juntas que teimam em não dobrar pra subir a escada. Caio literalmente naquele poço de gente. Não há cadeira vazia. Uma mulher amamenta seu filhote, que começa a berrar quando o ônibus passa num buraco e lhe tira a teta da boca. Uma mocinha deslumbrada escreve garrranchos em seu caderno, ou faz de conta porque o ônibus sacode muito. Ninguém se mexe pra ceder um pedacinho de banco.

Demoro um pouco pra catar as catorze moedas pra compor o preço da passagem. Outra sina de idoso é carregar um cesto de moedas, oferecidas por parentes que se acham ofendidos por andar com este tipo de migalhas. Justamente nesta hora o ônibus cai num buraco e eu despenco feito uma jaca madura. Um garoto grita a plenos pulmões:

— Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiii... meu saaaaaaacooooiiiiii!

A mãe tenta repreendê-lo, no que ele completa:

— A senhora reclama porque não é seu saco que tá espremido nesta tonelada de banha.

Com algum sacrifício tirei o pivetinho de baixo de mim, pedi desculpas e continuei sentada, não porque me tivessem oferecido lugar, mas porque não conseguia me levantar.

O ônibus inteiro sorria e eu ainda não tinha me dado conta de que com o tombo minha sala se partiu e não se via mais coisa porque a barriga cobria o que já tinha sido meu parque de diversão.

Imagina que a última vez que o Dr. Ezequiel fez o exame, tentei dar uns gemidos e ele, cotado, foi correndo buscar um copo d'água pensando que eu estava apagando. Ainda tentei me justificar:

— Ih, tem uma coisa dura aí em baixo e eu pensei...

— Pare de pensar dona Clotilde, que a única dureza de que eu me lembro são os degraus de minha casa que tenho que subir com esta artrose.

Mas como eu ia dizendo, terminada a sala de espera passei para as dependências posteriores e tava lá: grande, duro, doído. A primeira providência que tomei foi me valer de um espelho de dentista, mas por pouco não escorreguei e acabei no hospital para retirada de corpo estranho.

O dito cujo quase me penetra nas entranhas. Tomei daqueles espelhos de duas faces, mas aí já era a coluna que não obedecia, porque as juntas, ah Doutor, as juntas não são mais juntas, são coladas. As que ainda me obedecem são as do pescoço.

Aí fui descobrindo coisas: além do danado do carço que eu ainda não sabia o que era, fui descobrindo que a coluna só mexe 45 graus o que dá pra ver... Ah que vergonha, o bico do peito. Ou seja, só dobra pra que a gente possa tomar um prato de sopa.

Botei uma calcinha confortável e um moleton, mas aí o danado ficava fazendo volume e parecia que de repente, dali iria brotar um pé de bananeira. .-Magina que não pari em nova, tendo que brotar em velha. Fui ao consultório do Dr.Ygnácio, isto mesmo com *ipsillone*, que é o único que tenho coragem de mostrar o meu, digamos, acesso posterior. Ele é focto...procto, qualquer coisa assim já cansado depois de atender o 20°. paciente no posto de saúde, olhou-me por cima das grossas lentes e disse enfático:

— Dona Clotilde, a senhora tem uma flogose na cercanias do orifício terminal do aparelho digestivo. — Ih, Doutor pode falar toda verdade. Não precisa arroteios; sou uma pessoa adulta, tou preparada pra tudo. Abaixo de câncer tudo é lucro

— Pois não Dona Clotilde: a senhora tem um furrunculo nas vizinhanças do fofó.

— E como diz uma amiga minha: na velhice a gente só falta nascer rabo

A idade da desonra ou a desventura de uma balzaquiana

Médico aposentado, não tendo muito que fazer em casa, resolvi continuar no consultório, atendendo representantes com suas histórias, aposentados pobres e coroas com pretensões matrimoniais, já que estou em estado de viuvez. Ao sair pela manhã, para uma caminhada por recomendação médica, deparo-me com uma destas supostas candidatas. Após me cumprimentar com os fatídicos dois beijos e toneladas de maquiagem, deixou-me na face uma tatuagem pelo excesso de cosmético, comprado segundo relatou, na última viagem que fez à Europa (leia-se Paraguai, fronteira de Foz de Iguazu). Deixou-me aquelas duas botocas de rouge de terceira, compondo o cenário com os cabelos desalinhados pelo vento que batia forte naquela manhã de sol envergonhado.

Fazia meu exercício matinal, não por prazer, mas por imposição do cardiologista. O cenário completo era um tênis surrado, um bermudão já desbotado e comprimindo a protuberância abdominal. Fiquei se querem saber, com cara e jeito de bicha velha e me segurando pra não fazer um gesto que se confundisse com rodar a munheca.

A dita cuja começou um desabafo em carretilha que quase não me deixa respirar. Parecia que estava no consultório em reservada consulta.

— Estou em desespero. Imagina que me nasceu um caroço no ângulo da responsabilidade. Acordei depois de uma noitada de infrutífera caçada noturna e comecei a tratar dos canais competentes. Enquanto estava no andar superior (caras e bocas) tudo corria às mil maravilhas. Escovei as próteses, extraí alguns fios de cabelo que teimam em nascer no contorno das orelhas, coloquei uma maquiagem básica, retoquei os cílios.

Ao adentrar a zona do agrião comecei pela recepção, que aqui pra nós há muito tempo não recebe nada. Tá um maracujá de gaveta. Chamar de perereca seria chafurdar com os pobres anfíbios. Pus um talquinho, que ganhei do último namorado suíço (leia-se mais uma vez sacoleiro do Paraguai). A última visita que recebeu, nos últimos tempos, foi o transdutor do aparelho de ultra-sonografia que mal e porcamente parece um... cê entendeu né?... de plástico.

O ônibus só enchia, o motorista tirava casquinha numa mulata de saia mais curta que salário de pobre, que foi lhe perguntar onde ficava a Curva do Quilombo e ele começou a olhar pra ela e repetir com a cara mais safada deste mundo: qui....lombo...qui ..lombo, deu um risinho sarcástico sem se preocupar que estava perto da linha do trem.

Por segundos não fomos esmagados. Aliás, eu fui. Com o freio de arrumação acabei de deixar à mostra o panorama visto da ponte, de lado e debaixo nem se fala. Só um ceguinho que estava a minha frente permanecia quieto. Naquele momento invejei sua cegueira.

Desci o resto de pessoa com os trapos que ainda me pendiam do corpo. Por milagre no meio daquela enrascada toda ainda ficou um celular com que liguei pro meu genro.

— Arnesto!! Traz a Kombi, porque me levaram a bolsa e não posso voltar pra casa.

— Naquele momento me senti uma égua veia do cu pelado. Velha ainda vá lá, mas velha e gorda, acho que foi uma sacanagem, de deus.

Diário do idoso

Quando o dia amanhece eu já estou acordado para verter água pela última vez de uma série de seis por noite. Contando o tempo que passo no banheiro, porque parece que a urina tá tão bem acomodada que não quer sair, sai aos pingos, depois fininho, lembrando uma torneirinha feita com macarrão dezoito, acho que demoro meia hora de cada vez. Devo ter dormido umas duas horas.

Com os cuidados pra não molhar o pijama, me arrasto de volta até a cama, gasto alguns bons minutos nesta tarefa, no que minhas horas de sono se encurtam ainda mais. Acordo, portanto, ainda com sono e no resto do dia dou umas boas cochiladas e antes de terminar o sonho que me envolve, naquele momento, minha primeira namorada, a noite do casamento... ouço o grito estridente do neto:

— Voóóó, vai dormir na cama!

O sono foi-se pras cucuias e o sonho virou um pesadelo.

O próximo ritual é tomar o café com os catorze remédios que já estão me esperando na mesa: hipertensão, diabêtes, *astrose*, anemia, gastrite, colesterol, labirintite, urina solta, prisão de ventre, só pra ficar nos mais comuns. Os comprimidos variam de um grão de arroz a um pequeno tijolo no que, quando termino de tomar já estou de estômago cheio, o café já esfriou e a empregada, do lado como uma estátua, dá sinais de impaciência pra tirar a mesa.

Dou uma volta no quarto e retorno uma hora depois com as juntas reclamando e a beixiga dando sinais de urgência. Os próximos minutos são no banheiro. Retorno à sala e encontro as obrigações do dia recomendadas pelo safaradana do filho que há um ano procura emprego:

— Pai, hoje é dia de pagar prestação do cartão, aluguel, mercado, escola dos seus netos. Será que o senhor...

É isto mesmo que pensaram: pagar com o dinheiro de minha aposentadoria. Do emprego ele nem fala.

Perco duas horas no banco, ouvindo improperios de officês-boys que reclamam por ter passado à sua frente, tomo dois ônibus lotados de volta e chego depois do almoço.

Segurei ela por um braço e como não tinha outra alternativa, comecei a esvaziar a piscina, usando o penico de cabeceira. Esvaziei a piscina e alaguei o quarto e o ato seguinte foi furar a parede pra que a água saísse. O casal vizinho que àquela altura dava gritinhos e sussurros, começou a berrar no celular pedindo socorro e dizendo que o Rio das Tripas estava alagando toda a cidade. Saíram os dois pelados e dez minutos depois foram presos pela vigilância do hotel. Amanheceram presos na despena pra serem entregues à polícia.

Até meia noite foi pra torcer e enxugar as peças. Ainda ouvi um risinho do porteiro quando pedi pra mudar a roupa de cama porque se consumara um... acidente.

Refeito do susto fomos deitar e em dez minutos já tinha acabado o gás dos dois que, na verdade, nem acendeu. Cada um roncava sua desafinada melodia. Eu sonhava com a loteria e ela com a festa do nascimento do oitavo neto.

Arrumamos as trouxas depois do acidente e não tinha como deixar uma mala arrumada, Marieta catou os comprimidos derramados. A gente toma o segundo porque o primeiro cai pelo tremor das mãos e a gente nunca acha na hora.

Ficamos um tempo esperando um táxi que alegou demora pelo trânsito e a chuva que não parava de cair.

O moço da portaria, vendo aquela 'bagagem', ainda falou sério - como convém a um funcionário que cumpre seu dever-, prendendo o riso:

— Vão viajar em lua de mel?

— Não moço. Estamos voltando pro barraco. Só vou passar pela lua quando for desta pra melhor e a caminho do céu vou falar com ela que o mel que ela tem parece mais um suco de laranja azeda.

O senhor ainda me faça um favor. Ligue pra este telefone e quando Jaime, meu filho atender, peça pra ele mandar um pedreiro e um encanador, porque tive que esvaziar a banheira pra tirar a Marieta de dentro e como a água se acumulou no quarto precisei furar a parede pra esgotar a água. Mas ele paga tudo. Fique tranquilo.

Velho soooooooooooooooooofre.

O casal de idoso no motel

Pensei que já tinha passado por tudo nesta vida, mas ainda faltava um restinho. Completando cinquenta anos de casado, meus filhos e netos me prepararam uma surpresa, que depois pude ver que foi um vexame. Ofereceram-me uma noite num motel. A Marieta pelo visto já sabia por que uma semana antes começou a por no sol o vestido de casamento e a combinação com que dormimos juntos pela primeira noite. Sempre com a desculpa de que era só pra tomar sol. A Caixa de remédios (quase trinta), já vivia arrumada motivo pelo qual não desconfiei.

Terminada a fuzarca da festa me enfiaram num táxi, e entregaram um cartãozinho pro motorista. Não demorou muito e me aparece a Marieta com a bendita mala, a caixa de remédios e um riso estampado no rosto estragando o rouge e o baton, colocado às pressas. O motel ficava a beira dum lago onde nadavam vários paturis e tinha o nome sugestivo de *Afogando o Ganso*.

Ficamos num quarto maior que meu puxadinho, a cama dava pra jogar uma pelada e uma banheira enorme maior que muitas piscinas de apartamento.

Desarrumada a *mala*, não encontrei meus óculos pra conferir a loteria. Liguei a televisão e só passava chuva. Chamei o estafermo e pedi pra botar um filme. Marieta vestiu a indumentária do nosso casamento, que parecia um espantalho para os dias de hoje. Apagou a metade das luzes e começou a circular em volta da banheira.

O filme era um casal pelado - fazia duas horas que tinham se conhecido-, tentando um intercurso carnal. Me lembrei que passei três dias pra convencer a noiva que se continuasse com roupa, nossa família ia ficar só nós dois. Lembro que ela tirou a combinação, os espartilhos, um dos califons, e entrou debaixo das cobertas de calçola, califon e bobes num cabelo que cresceu durante os dois anos de nosso noivado. Isto tudo passava agora na minha cabeça.

Marieta dava voltas em torno da banheira achando que tava no céu. Quando perguntei se num tava com sono ela tomou um susto e despencou na água. Tive que pular pra salvar dum afogamento, de pijama, camisolão e touca.

Encontro meu prato feito, frio e geralmente com coisas de que não gosto: folhas amargas, carne magra sem sal, legumes vermelhos (que tem licopeno que são bom pra próstata), sobremesa *laite* (que tem gosto de cabo de guarda chuva), fechando com suco sem açúcar. Receita da vizinha que é ajudante de copa de um hospital da cidade. Ela copia as receitas sem se importar pra que doença é recomendada, passa às mãos de minha nora que programa o meu cardápio.

O resto da tarde é pra abrir porta pra neto chegando da escola; amigos dos netos, que já entram derrubando tudo, carteiro, que ultimamente só traz guia de cobrança.

À noite, na mesa me espera a briga do filho com a nora: ele se queixando de que não arranjou emprego e ela que não aguenta mais de trabalhar pra sustentar a casa e os parentes dele. Parentes dele aqui, se entenda, *EU*, que pago metade das contas, que terminam por sair mais caras do que se morasse num hotel.

Fico pensando que se deus estivesse no meu lugar ele já teria mudado muita coisa. A velhice seria uma delas. A outra certamente seria nora.

Ser velho é f... É por isso que deus nunca disse que idade tem.

Aniversário de idoso

Meu neto, não sei por que cargas d'água, entendeu de nascer no mesmo dia que eu. Acho que foi arrumação da nora já prevenido que dois aniversários no mesmo dia saem mais baratos. Coisa de pobre. Hoje, acredito, coisa também de nora.

Quando é aniversário do neto, os convites, geralmente por telefone, anunciam que é aniversário de Arturzinho, que tá uma graça, fala tudo, conhece as cores, chama mãe e papai... É... é... é também de seu Zeca... meu sogro, mas ele nem liga... Arturzinho... Bla,bla,bla... Bla, bla, bla, bla, bla, bla. Entenderam, né? Tudo gira em torno do neto. O avô passa a nem gostar de aniversário, não tem amigos, não precisa de presentes.

A partir das 3 da tarde a casa se enche de gente, duas a três crianças por casal e, vez em quando, uma senhora idosa que me cumprimenta, me aluga por uns longos minutos e me dá de presente um par de meias marrons. Todo mundo pensa que idoso gosta de meia marron e cueca samba-canção. Me enche o saco falando de suas mazelas, seus remédios e dietas, pergunta pelo netinho e some no corredor. Deve ser convidada de um convidado porque não conheço a figura.

Às cinco horas a casa já está cheia de convidados ... do netinho. Conto nos dedos os meus convidados. Não veio a turma do dominiô nem da caminhada. Em cima da cama do meu puxadinho conto um par de meias - marrons como já falei-, uma cueca samba canção listrada e um bermudão colorido comprado, certamente na Baixa dos Sapateiros que ainda enverga o preço. Remexo os pacotes e descubro uma caixa de velas coloridas. Será que alguém pensou que bati as botas que foi convidado pro meu enterro?

Meus três convidados já se fartaram de ki-suco, broas e cajuzinhos, falaram do salário que nunca reajusta, dos ônibus cheios e dos remédios que cada um toma. Se alguém do grupo se queixa, uma receita tá na ponta da língua: chá de casca de imburana com dois dentes de alho esmagados. É tiro e queda. A conversa vai ficando fininha e em pouco tempo se despedem porque têm que pegar dois ônibus.

A festa do neto continua, a casa é uma baderna só, vez em quando um moleque se esconde debaixo de minha cama e meu quartinho é invadido pela patuleia que brinca de esconde-esconde. As nove horas alguém grita meu nome. É a nora pedindo ajuda pra limpar a bacia da casa. Não adianta fingir que tou dormindo porque os gritos acordam um quartirão.

O café da manhã seguinte é feito com o que sobrou da festa do aniversário do neto porque do meu ninguém fala. Neto não chega a ser uma praga, mas nora com certeza piora as mazelas do idoso. Arre égua.

Reclames da Terceira idade

VENDE-SE



Pelo melhor preço um fuzquinha 57, bancos de plástico, vidro traseiro oval, duas marchas (a terceira não funciona por falta de uso). Preço de ocasião.

VENDE-SE/TROCA-SE



Vende-se pela melhor oferta ou troca-se por uma cadeira de rodas, uma bengala de madeira, cabo de madrepêrola, incrustações de prata. Foi usada pela última vez em 1949.

VENDE-SE

Um sapato e um par de meias marrons; três ceroulas listradas e um camisolão.

VENDE-SE

Familiares de paciente centenário (em coma na UTI) vendem três dúzias de fraldas tamanho G; uma luneta, uma cadeira de rodas e duas armaduras de óculos.

EMPREGO



Contra-se para idoso, acompanhante de boa aparência, sexo feminino, 1,70m, sem filho, livre e desimpedida; cintura 70; quadris 90; busto 75. Pagamos todas as obrigações sociais.

Obs.: Não se trata de assédio. É que meu filho não me visita faz tempo, e quem sabe com este reclame...

Testamento de idoso

No prazo certo, como um autômato, estou novamente na fila. Faço entrevista e só faltaram me pedir um teste de gravidez.

— Viu que não precisa de bilhete de vereador!? Seu processo, no mais tardar, em seis meses estará pronto.

As pernas inchadas, a falta de ar, o dorso dobrado e as dores frequentes não me dão sossego no aguardo da tão falada alforria do trabalho escravo. Já tinham se passado mais de seis meses. Na verdade faltavam poucos dias para completar um ano...

— Pai!! Uma carta!

— Acho que é do Governo. Sua aposentadoria vai sair, no mais tardar, daqui a seis meses. Diz na carta que teve outra greve e atrasou um pouco...

— Pai, cê tá sentindo mal?! ...Socorro...!!! Acode gente!!!

Acordo do desmaio, o quarto cheio de gente, cada um me ensinando um remédio; duas rezadeiras com galhos de ervas nas mãos e nem me lembro do que houve. Acho que tive um derrame.

Se eu tivesse morrido ia dizer poucas e boas a deus quando encontrasse com ele. Ia dizer:

— Deus, cê traz seu pai e sua mãe na igreja que eu peço a padre Inácio pra casar eles dois, porque quem faz isto com um filho idoso só pode ser filho de chocadeira.

Já tendo resolvido minhas tarefas aqui na terra, curtindo uma viuvez solitária e não tendo filhos, resolvi doar as coisas que tenho e que em breve não vão me servir pra nada, antes que algum parente de cartório apareça e queira levar o que ainda me resta. Não é muita coisa porque o Estado já recebeu o dele em imposto e multa por pagamento de tributo atrasado.

Um sítio de duas tarefas no Beiru, deixo pra minha comadre Ernestina, também viúva, que na mocidade a gente andava se enroscando atrás das moita, pelo que nunca limpei o esconderijo que a gente usava. Tem umas barraquinhas de invasão mas inda dá pra construir um puxadinho. Meia dúzia de ceroulas e dois camisolão de dormir, ainda no pacote, fica pro abrigo Cristo Redentor que cuida da terceira idade. Minha cachorrinha Baleia, se tiver viva depois que eu for, fica pra Nicinha do Sindicato que tirou minha primeira carteira de trabalho. Um par de sapato marrom e dois pares de meia da mesma cor, fica para o guarda da rua porque nunca pude lhe dar um agrado.

Quem passa a vida aposentado com salário mínimo não dá pra juntar muita coisa. Tem uma bengala de madeira, um chapéu panamá pouco usado e uma garrucha que ganhei de um sargento que serviu na guerra de Canudos e que nunca matei nem um passarinho, deixo pro fiscal da Prefeitura que sempre fechou os olhos para os impostos que nunca pude pagar.

O puxadinho onde moro que é o bem de mais valor, certamente vai ser requisitado por um parente que me amava muito, que não poderá viver sem mim, se atira no meu caixão quando for fechado, mal ele sabe que eu não podia ter filho e que no terreno do puxadinho a Prefeitura vai passar o trator pra alargar a rua. Mas ele insiste até que alguém sopra a verdade nos seus ouvido e com a mesma cara de pau entra no primeiro bar e pede uma pinga.

Minha árvore escatológica ou genecológica, nem sei direito, termina no cemitério. E Deus seja louvado.

Idosa no ginecologista

— Mãeê! Hoje é dia do ginecologista. Faz seis meis que a sinhora num faz inzame!!

— Deus me livre destas modernagens. Eu é que não vou ficar mostrando minhas *parte* pra estes doutorzinhos com cara de play-boy. Antigamente Doutor Juvêncio resolvia minhas mazelas com Reguliador Xavier, Xarope de Melagrião e Vinho de Salsa Caroba. Hoje tudo é injeção, *inzame*, operação. Pari meus seis filho sem precisar de Doutor. Só com Dona Zefa e seu cachimbo de barro. Depois que a cria nascia, passava a cinza no *imbiga* e dizia...

— Maaêê! Se aveixe que estamos atrasada pro inzame!!!

— Quero ir só. Chame um taxi. Sei andar sozinha.

Peguei meu taxi e parei na clínica onde fui atendida por uma sirigaita debochada, que só não perguntou quanto eu guardava debaixo do colchão.

— Quando foi a última vez que a senhora se deitou com um homem?

— Me respeite que sou viúva. Eu sou vim aqui fazê um inzame e não contar minha vida particular.

— Tá bem. Entre e deite nesta cama.

Deitei, tirei o pente que prendia os cabelo; as duas anãgua, a calçola e fiquei naquela posição de carangueijo quando enfrenta perigo: as duas pernas pro ar. Entrou na sala um doutorzinho que mais parecia artista de filme de coboy: costeleta, barbicha, e, acreditem, uma tatuagem no braço. Do que me lembro, só marinheiro usava tatuagem, e aí fiquei pensando que devia de ser filho de marinheiro com uma rameira do cais do porto.

Entrou e ligou duas televisão. Uma em preto e branco e outra que passava o jogo do Brasil com a França. Ainda cantava, num desafino só, aquela musiquinha idiota "*Voa, voa, canarinho, voa*"; Pegou um aparelho que parecia um pé de cabra e começou a esfregar na minha barriga. Acho quetava procurando o lugar de fazer o inzame e daquele jeito não ia achar nunca porque não tirava o olho do jogo.

O Brasiltava muito animado e o doutor mais ainda. Não passou cinco minuto e o Brasil fez um gol. O Doutor soltou um grito e apertou com mais força ainda o ferro na minha barriga.

Aposentadoria, ou humilhação passo a passo até o pé na cova

José Francisco dos Santos, 70 anos, brasileiro, casado. Para falar a verdade, amigado, que não deu para casar quando conheci a Maria do Carmo. Nem no padre nem civil. Que me perdoem a Santa Madre Igreja e a Justiça, mas uma coisa que deveria ser de graça era casamento.

Mas eu e a Maria a gente se conhecemo, se gostemo e se juntemo. Passei a vida inteira morrendo, porque trabalhar trinta e cinco anos na lavoura sob um sol inclemente ou chuva de doer no osso, sob as vistas dum cão de guarda (que aquilo não era patrão) hão de convir que não é meio de vida. É meio de morte meesmo!! Completados os trinta e cinco anos e pouquinho coisa, lá fui eu para batalha da aposentadoria. Velho, fudido e mal pago.

— Moça, eu vim aqui a mando de seu Agostinho que é vereador...

— Nem precisa completar o resto. Este pedido é fajufo, além do que não estamos em época de eleição. Tem coisa por trás disto. Bilhete de vereador aqui não vale nada. Ainda se fosse do Janequine... Hein Aurora, não sou eu aqui que vai receber bilhete de vereador.

A vergonha da gozação se juntava a dor das pernas cheias de *astrose* depois de mais de quatro horas de fila sem encontrar alguém sequer que desse informação sobre os tais papéis. Retorno para a roça depois de ter gasto os últimos tostões com a pensão do subúrbio. Sessenta dias depois enfrento a mesma fila, consigo falar com uma atendente mais simpática que me informa sobre os papéis, mas me dá uma notícia desoladora:

— Vamos entrar em greve por melhores condições de trabalho, melhores salários, auxílio refeição, estas coisas que o senhor já deve ter ouvido falar. Conquistas sociais. Se a greve acabar logo, daqui a dois meses o senhor volta que a gente lhe atende.

Agradeço sem entender que tipo de coisas estão pedindo. Trabalho de sol a sol, recebo salário, descontada já a cota do armazém e não entra na minha cabeça que alguém que trabalha sentado, com ar refrigerado, pagamento certinho no fim do mês ainda queira melhores condições de trabalho. Retorno para o purgatório no aguardo do término da greve "por melhores condições de trabalho".

Casamento de idoso

Meus amigo do meu tempo
Não sou de fazer bobage
Mesmo com estas modernage
Que atrapaia nossa vida
Prefiro escrever trovado
Pois num tou acostumado
Com esta escrita corrida

Me casei com vinte ano
Com a vizinha Clementina
Que era quase menina
Mas deu pro meu furunfado
Era só felicidade
Eu no fogo da idade
Atirava no telhado

Tivemo catorze fio
Pois num sabia invitar
Foi muito duro criar
Na corage e no bestunto
Uma doença treiteira
De febre dor e canseira
Levou Clementina junto

Fiquei viúvo inda moço
Cuidando dos bacorinhos
Mas dispois de crescidinhos
Decidiram se mandar
Agora envelhecido
Mais ainda decidido
Arresolvi me casá

Escolhi a Edileusa
Que era virge e fogosa
Embora fosse idosa
Queria lua de mel
Benzida as aliança
E acabada a festança
Despencamo pro motel

A Edileusa assanhada
Fechou a porta do quarto
E eu de comida farto
Quis dá uma furunfada
Ela disse meu amor

Vai devagar por favor
Que a estroenga tá dobrada

Acendi a luz do quarto
Tomei a tal azulzinha
Receitada por Zequinha
Boticário lá da rua
E disse vai te aprontar
Que agora eu vou visitar
Os quatro canto da lua

E pelo resto da noite
Era só na chinelada
Edileuza escabelada
Urrava que nem leão
Disse pára Sizenando
Se continua furando
Tu vai pará no Japão

Mas forgo de veio é curto
E muito esforço num aguenta
Foi así que a ferramenta
Num respondeu as tramoia
Edileuza inda queria
Mas a minha valentia
Se enroscou que nem jiboia

Sem mais fôlego e sem gás
Vortemo pro puxadinho
Contando para os vizinho
A nossa lua minguate
A verdade? Nem que chova
Pois segredo de alcova
Só interessa aos amante

Nós continua casado
Esquecemo as furunfada
Com a televisão ligada
Aprendendo só receita
Até que ela adormece
Acordo ela pra prece
Dispois a gente se deita

E nossa vida vai bem
Nas graça de Deus amém.

Não me contive e dei um grito mais forte que o dele:
— Paaaara, doutor, que o senhor tá furando o meu imbiiiiigo!!

Pulei da mesa, enfiei as minha saia e minhas calçola e corri pra casa prometendo a Santa Terezinha do Menino Jesus que nunca mais voltava naquela espelunca.

Cheguei em casa arrancando os cabelos e contei o que houve pra minha filha e ela muito simplória disse:

— Ah mãe, es quente não; máquina também erra!!

— *Velho soooooooooooooofre*

Idoso na internet

Fui alfabetizado na máquina de escrever que hoje é uma peça de museu. Não estou muito afim destas modernagens de hoje, mas de tanto ouvir o Pedrinho, meu neto, 9 anos, falar em tecnologia, internet, e outras geringonças resolvi comprar uma internet. Botei o aparelho no escudador de bolero, a dentadura pra melhorar a fala e os óculos pra conseguir enxergar o número do telefone da empresa que vendia o treco. Neste meio termo, entra o Pedrinho meu neto, uma sacola de livros que foi espalhando pela casa pra desespero de minha nora e sacou uma internet, começou a tremelicar com os dedos e dar risada. Aproveitei pra pedir uma informação:

— Pedrinho como é que compro uma internet?

— Internet, vô?

— Sim. Uma internet pra ir me acostumando, depois um computador...

— Ih, vô, Cê tá misturando tudo.

— Cê tem que comprar um tablete, que tenha android, zap-zap, email,

xpto,akyd.ppx:xpto,xpta,win. Entendeu?

— Não, mas deixa pra lá que me viro sozinho

— Alô..eu queria..

— Ligue um para compra, dois para venda, três para conserto, quatro para queixa.....trinta e cinco para informação. Seu tempo de espera será de 90

minutos se as condições meteorológicas permitirem

Fico com o aparelho no ouvido que depois de vinte minutos já tá esquentando, uma vontade apressada de ir ao banheiro e minha nora arrasta o Pedrinho pela orelha de baixo de chinelada e impróprios pra que ele arrume a bagunça. A ligação volta mas não consigo escutar nada por causa do barulho e no terceiro alô a sirigaita do telefone diz ligue mais tarde. Desligo porque é hora de tomar os vinte e cinco comprimidos antes do almoço que a empregada já grita lá de dentro:

— Seo Nezinho, vai demorar no telefone? Vou tirar o almoço.

Respondendo qualquer impróprio que me vem à cabeça e vou pra mesa com a nora reclamando pro marido que tá sem roupa, o marido reclamando do salário e Pedrinho reclamando da comida enquanto a empregada desafina uma toada sertaneja junto com o inseparável radinho de pilha em todo volume.

— E quero também um médico de garganta...

— Só pode um. A senhora quer examinar a garganta ou o fiofó?

Voz insegura, face rubra pela indiscrição da atendente que enfrenta

uma nervosa e quilométrica fila e já não tem mais pudor em usar sua

linguagem chula.

Decido-me pelo segundo: Dr. Moises, - quatro empregos, sala

pouquinha coisa maior que um quartinho de cachorro, nervoso porque o

cartão de crédito está estourado e o salário com dois meses de atraso que lhe

chama depois de duas horas de espera.

— Deita nesta mesa, tira a roupa, põe os dois pés na parede. A sacola põe lá

fora que aqui não tem lugar.

— Ernestina? Traz a lata de vaselina, um espêculo e a lanterna que aqui tá

muito escuro.

— Vai doer, Doutor?

— Minha senhora, vamos andar rápido que lá fora tem mais quinze. Se eu

ficar aqui doi, não doi, que hora eu vou fazer o exame? A senhora comeu que

horas?

— As sete, doutor.

— Tomou o purgante?

— Não doutor

— Tá bom. Volte daqui a três meses. E como é que...?

— Próximo!!!

— Tomo algum reme...

— Próximo!!!

Ah deus, um dia você me paga. Vou lhe rogar uma praga pra que você

já nasça velho e precise ir a um proqui. Deixa pra lá. Você já deve ter

entendido a intenção.

Melhor idade? Falar nisso a mãe tá boa?

Idosa na fila do SUS

Em tudo que é fila que o idoso enfrenta, é sempre uma tragédia. Mas só pra usar uma figura bastante conhecida, idoso no SUS é uma tragédia grega. Embora o idoso muitas vezes more em casa cheia (genros, filhos, netos) ele é sempre um solitário. As visitas lhe cedem, quando muito, um cumprimento, de favor:

- Oi Dona Isolda, a senhora tá ótima.
- Nem tanto minha filha, o último remédio...
- Esquente, não, vai passar.

E aí acaba o diálogo porque a visita é para o safardana do genro e filha que já estão de tramoia pra ir pra farra e lhe pedem desavergonhadamente que olhe os netos enquanto não voltam.

No ônibus nunca lhe cedem o lugar, porque existe apenas uma cadeira pra idoso e há, pelo menos, dez idosos naquela ratoeira.

Atravesso o sinal sob os impropérios dos motoristas, porque sempre espero um tempinho pra que o semáforo se estabilize e no meio da rua o sinal já fechou. Andar vagaroso, algumas sacolas, tento por gestos, sacudindo os braços, pedir a compreensão dos apressados motoristas e fico mal e porcamente me assemelhando a um cacho de coco seco balançando na ventania.

Chego à fila do SUS engasgada de tanta necessidade de me comunicar e enfrento uma recepcionista de maus bofes, mal amada e que acabou de descobrir que o marido está de cacho com a garçonete da padaria.

- Moça, meus netos demoraram pra sair pra escola, meu genro derrubou café na camisa e precisei lavar pra ele não perder a hora... minha filha....
- Minha senhora, aqui não é confessionário, o ultimo padre que passou aqui já tinha largado a batina e hoje é amante duma ex-freira. A senhora quer o que?
- Uma consulta, minha filha.
- Consulta de que?
- Pera que vou procurar na bolsa que o nome do Dr. Ah, ...achei... é pro... proqui.
- Proctologista.
- Isto.

Engulo a comida sem sal, tomo um suco sem açúcar e como uma sobremesa daite sem gosto de cabo de guarda-chuva. Espero o cunhado sair, a nora não para de reclamar mas vai sair pra fazer as unhas, Pedrinho escapulir para o baba da rua e vou tirar meu cochilo. Ai pelas duas horas retorno ao telefone e a conversa se repete já com outra voz, outros número inescutáveis e pede o mesmo tempo de espera. Boto meu casaco marrom, meu sapato marrom, minhas meias da mesma cor porque todo mundo acha que idoso gosta de marrom e todos os presentes que ganha tem esta cor. Tomo um coletivo, sem vaga pra idoso que me descarrega na primeira parada do comércio. Entro numa loja e a primeira mocinha deslumbrada que abordo, me pergunta:

- Posso ajudar?
- Pode minha filha. Eu queria comprar uma internet...
- Ah desculpe, aqui é uma farmácia!!
- Eu só quero uma informação. Onde tem loja de internet aqui perto?
- A duas quadras daqui, depois do semáforo.

Esqueceu-se de dizer que eram duas quadras... De avião...

Chego na loja e outra mocinha deslumbrada mais ainda porque mexe, segundo ela, com tecnologia e a minha pergunta onde posso comprar uma internet me responde com outra pergunta

— Como assim?

Quando alguém lhe perguntar como assim é porque não sabe o que vai responder e quer ganhar tempo. Explico por gestos e ela surpresa diz:

- Ah.. o senhor quer i-pod, um i-fone , um tablete, ou um palmi..?
- Moça muito obrigado pela informação.
- Penso um pouco e pergunto?
- A mãe tá boa?

Ela não entende a metáfora e diz tá ótima, já comprou até sansug de última geração, frequenta baile de melhor idade...

Retenho o palavrão em público e vou ruminando de volta melhor idade... Melhor idade... Melhor idade... até que chego em casa e vomito o impropério: melhor idade um cacete!!!

Família de idoso

Não posso dizer que não dei sorte com minha família. Tive três filhos, consegui dar aos mesmos uma boa educação, mesmo na escola pública, quando ainda se podia chamar um estabelecimento de ensino público de escola. Mas hoje...deixa pra lá que não quero falar deste assunto.

Moro sozinho num apartamento de dois quartos com um quarto de empregada que a finada transformou em quarto de costura e retorna pra ser quarto quando recebo a visita dos filhos. O mais velho é tenente da Polícia e mora em Minas. O segundo mora em Jeremoabo é funcionário da Prefeitura e a menina é professora casada com um funcionário público e mora em Salvador.

Na aparência é uma coisa tranquila mas é só na aparência. Fim de ano meu filho mineiro vem passar uns dias comigo com os dois filhos adolescentes, cada um com celular que não para de tremelicar nas mãos e quando tiram os tênis, meu nariz pede férias. Já sabem que vou dormir no quarto de costura, cheio de malas, tênis já descritos, e minha cama é um sofá de pouco mais de meio metro de largura.

Minha nora não para o cigarro e quem tem que se mudar é meu enfisema. Trancam-se no quarto e ficam aos cochichos e lá pras tantas minha nora esbraveja: Para que seu pai tá acordado. E continuo acordado porque quando param os ruídos de alcova os netos entram esbaforidos derrubando minhas tralhas e contando as aventuras da balada.

De manhã estou com cara de ontem e meu filho sem nem perguntar porque diz: - Pai! Cê precisa ir no médico! Minha nora já enverga um maíó que deixa de fora pelo menos uns cinco quilos de celulite e já decidiu que vai à praia e eu devo ficar em casa porque “na sua idade água salgada não é bom.” Nem sequer me perguntou se gosto de praia. Meu filho concorda; os netos dormem e a louça por lavar me espera na pia. Não param em casa e os almoços e jantares se sucedem e não me convidam ou porque faz mal pra minha pressão ou porque vão voltar tarde e eu durmo cedo. Vem a mente o maldito sofá, os grunhidos do quarto e a farrá dos netos.

Felizmente são apenas cinco dias “porque não querem incomodar” e lembram de que não tenho carro, meu plano de saúde é o SUS e moro em bairro distante. Enfim só!!!

Ledo engano ou LEDO ENGANO. Meu filho de Jeremoabo liga e diz que dentro de uma semana vem matar a saudade. Clarinha de sete anos vive perguntando pelo vó e Paulinho de 10 quer jogar vídeo-game no shopping e se eu me incomodaria de levar.

Não fala da mulher porque ela acha que tá sem roupa nem sapato e quer ir nas lojas fazer umas comprinhas, e claro, brigaram e não se falam há três dias.

Finalmente chegam na data marcada, ainda de cara amarrada minha nora de saída me pede pra ficar com as crianças porque precisa fazer o cabelo. De noite Clarinha que adora o vó, segundo eles, vai dormir claro com o vovó, e Paulinho também porque tem medo de dormir sozinho. Os três na mesma cama, os guriis comendo salgadinho e brigando pelo controle da televisão.

Nem sei se durmo ou desmaio. De manhã acordo com as formigas fazendo a feira nos farelos e de quebra na minha barriga. Ficam por dois dias e minha nora ainda me pergunta se na próxima visita pode trazer a empregada pra dar uma ajuda. Nos meses seguintes vou acumulando as contas de luz, telefone, lavanderia e a conta do técnico da televisão que pifou na mão dos netos.

Não pensem que tou livre de minha filha ou que estamos brigados. Ela espera apenas sair o decimo terceiro pra pedir o enésimo empréstimo. E isto a terceira idade; melhor idade ou que outra praga de nome queiram inventar. Aljesus me salve!!!!